

## UM BREVE PANORAMA DOS ASSASSINATOS DE ATIVISTAS TRAVESTIS NO BRASIL (2015 - 2023)

ARTEMÍSIA VULGARIS ANTUNES DEWES<sup>1</sup>; ANA IGNEZ BRAGA DAL MAGRO<sup>2</sup>; SIMONE DA SILVA RIBEIRO GOMES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – *misiaavulgaris@gmail.com*

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – *ana.ignez.dalmagro@gmail.com*

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – *simone.gomes@ufpel.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

A violência contra ativistas/militantes/defensoras de direitos humanos é um grande impasse para a sustentação de uma democracia plena. Podemos pensar que, toda vez que uma defensora de direitos humanos é assassinada, uma parte importante da democracia e da luta pelos direitos humanos vai junto com ela. São exatamente as pessoas que lutam pelo direito à vida, à terra, à habitação, à saúde, ao corpo e tantos outros direitos que dão sustentação para que continuemos existindo com o mínimo de dignidade. E são muitas as violências contra essas defensoras: prisões arbitrárias, calúnias, difamações, injúrias, invisibilização do seu trabalho político etc... e a ponta do *iceberg*: o assassinato. Essas violências são perpetradas por diversos atores como o Estado, paramilitares, indivíduos isolados, crime organizado.

O estudo é um recorte do projeto de pesquisa “Criminalização de Ativistas Feministas na América Latina”, desenvolvido pela Profa. Dra. Simone da Silva Ribeiro Gomes na área da Sociologia, com recorte temporal de 2015 a 2023. O recorte escolhido é o assassinato das ativistas travestis<sup>1</sup> no Brasil durante o mesmo período.

O referencial teórico usado consiste em Jaqueline Gomes de Jesus (2012a, 2012b, 2013), Guilherme Silva de Almeida (2018), Leticia Nascimento (2021) e Maria Clara Araújo dos Passos (2023). Mais detalhes na seção 3.

A metodologia utilizada é a quantitativa e a qualitativa. Primeiro, montamos um conjunto de dados empíricos com informações de ativistas assassinadas e depois trabalhamos para qualificar algumas hipóteses em relação aos assassinatos, mas a pesquisa ainda encontra-se em desenvolvimento e apresentaremos alguns resultados na seção 3. A metodologia será trabalhada na próxima seção.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a quantitativa e a qualitativa. Num primeiro momento, o foco foi coletar informações para compor um conjunto de dados empíricos sobre as ativistas travestis assassinadas. Durante esse processo, também realizamos uma revisão de literatura para dialogar com os dados e compreender, mesmo que brevemente, o contexto dos assassinatos.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos o termo “travesti(s)” como termo guarda-chuva das dissidências transfemininas de sexo-gênero para reforçar o caráter político e epistemológico da existência travesti. *Ver mais em:* NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. Transfeminismo. São Paulo: Jandaira, 2021.

A tabela com dados empíricos de ativistas assassinadas já estava em desenvolvimento pelas mãos da professora Simone quando começamos a trabalhar nela e, atualmente, está finalizada com um total de nove casos de ativistas travestis assassinadas no Brasil no período de 2015 a 2023.

O diálogo do referencial teórico com os dados empíricos se dá a partir de uma breve escavada histórica no Movimento de Travestis sobre a sua formação, nacionalização e o encontro com o transfeminismo (Passos, 2023; Jesus e Alves, 2012a; Nascimento, 2023) designando, assim, um *ativismo travesti*. A violência letal será pensada a partir das contribuições transfeministas de Jaqueline Gomes de Jesus (2013), de Bruna Benevides (2024) e do pensador transmasculino Guilherme Almeida Souza (2018).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa ainda encontra-se em fase de desenvolvimento. Veja abaixo alguns resultados em diálogo com a literatura.

A Tabela 1 representa os casos de assassinatos de ativistas travestis de 2015 a 2023 por países da América Latina, demonstrando que o Brasil ocupa o 4º lugar no *ranking* continental.

Tabela 1 — assassinato de ativistas travesti na América Latina (2015-2023)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Argentina	2	2,8	2,8	2,8
	Brasil	9	12,7	12,7	15,5
	Chile	1	1,4	1,4	16,9
	Colômbia	8	11,3	11,3	28,2
	El Salvador	3	4,2	4,2	32,4
	Equador	1	1,4	1,4	33,8
	Guatemala	11	15,5	15,5	49,3
	Honduras	20	28,2	28,2	77,5
	México	12	16,9	16,9	94,4
	Nicaragua	2	2,8	2,8	97,2
	Paraguai	1	1,4	1,4	98,6
	Peru	1	1,4	1,4	100,0
	Total	71	100,0	100,0	

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024).

Segundo Benevides (2024, p. 45), o número de assassinatos de pessoas trans<sup>2</sup> no Brasil em 2023 foi de 145, 10,7% maior que em 2022 com 131 casos. Foram assassinadas 136 travestis em 2023.

As vivências das *travestilidades* são, por excelência, vivências que tem como pressuposto o enfrentamento às violências diárias para existir, porque uma coisa é certa: a violência contra esses corpos. É no contexto da ditadura civil-militar em Vitória no Espírito Santo (ES) que as trabalhadoras sexuais travestis e mulheres cisgêneras desenvolvem as primeiras inquietações e ações de enfrentamento à violência estatal, germinando um movimento organizado (Passos, 2023, p. 52). Como nos escurece<sup>3</sup> Passos (*ibidem*, p. 54-57) que a estigmatização nas mídias

<sup>2</sup> Termo guarda-chuva utilizado para agregar as identidades de pessoas *não-cis*, no caso, pessoas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascimento, como as travestis, mulheres transexuais e transgêneras, pessoas transmasculinas e pessoas não-binárias, além de outras.

<sup>3</sup> Pelo fato de Maria Clara ser uma travesti, negra e pernambucana, Linn da Quebrada escreve a Apresentação deste livro com o seguinte título: Maria Clara Araújo escurece para deixar transparente! Utilizamos essa referência neste estudo também.

como “perigosas” somada à vontade de higienização social das travestis dos espaços públicos culminou num aumento da violência e perseguição, gerando prisões arbitrárias por todo o país além de operações policiais específicas como a Operação Pente-Fino em Vitória e um estudo de criminologia com as travestis em São Paulo.

Esses crimes impulsionaram as trabalhadoras sexuais para que criassem a primeira organização política e “assim surgiu a Associação Damas da Noite, formada trabalhadoras sexuais de Vitória, e entre elas estava Jovanna Cardoso” (*ibidem*, p. 58). Jovanna Cardoso ou Jovanna Baby é a idealizadora e fundadora da primeira organização de travestis no Brasil, a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) em 1992. A criação dessa organização capilarizou o movimento organizado de travestis pelo Brasil todo, auxiliando no processo de institucionalização do mesmo e no surgimento do transfeminismo na *internet* e dentro das universidades a partir de 2010 (Coacci, 2018).

Catalogamos a organização que as ativistas travestis exerciam o trabalho político e o cargo ocupado, mas também nos deparamos com a falta desse dado em alguns casos (Tabela 2).

Tabela 2 — 1a organização e o cargo na organização

Count		cargo na organização			Total
		ativista	coordenadora	Other	
1a organização	Conselho Estadual dos Direitos da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, travestis e Transsexuais (CELGBT)	0	1	0	1
	Movimento Sem Terra - Coletivo de Juventude	0	1	0	1
	pensão que acolhia travestis e mulheres trans trabalhadoras sexuais	1	0	0	1
	Prefeitura Municipal de Piracicaba	0	0	1	1
	União Nacional (UNA) LGBT Xanxerê	1	0	0	1
	Unknown	3	0	0	3
	Verônica Alojamento para transexuais	0	1	0	1
Total		5	3	1	9

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024).

Outro dado pesquisado foi o método empregado no assassinato que, como demonstra a Tabela 3, a arma de fogo é o meio mais utilizado para efetivar esses assassinatos, seguido pela arma branca. Não foi possível identificar a forma do assassinato em apenas um dos casos.

Tabela 3 — assassinatos por ano e forma do assassinato

Count		forma do assassinato				Total
		arma branca	arma de fogo	tortura	Unknown	
ano	2018	0	2	0	0	2
	2019	2	0	1	0	3
	2020	0	2	0	0	2
	2021	0	1	0	1	2
Total		2	5	1	1	9

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024).

Segundo Benevides (*ibidem*, p. 65) em 2023, 49% dos assassinatos foram realizados por arma de fogo; 24% por arma branca e o restante divide-se em meios que consideramos “tortura” na nossa pesquisa. Os dados apresentados por Benevides vão de encontro com os resultados obtidos na nossa pesquisa. Contudo, a Tabela 2 nos mostra que o ano de 2019 foi o mais letal para ativistas travestis brasileiras. Coincidentemente, foi no mesmo ano que o ex-presidente Jair Bolsonaro assumiu o governo brasileiro.

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados quantitativos e qualitativos sobre a população de travestis são, ainda, muito precários. Focar no recorte do assassinato de ativistas travestis no país que mais as mata é importante para ter um conjunto de dados empíricos com informações sobre as especificidades e complexidades desses assassinatos.

Compreender alguns contextos, mesmo que brevemente, sobre as complexidades que envolvem esses assassinatos nos possibilita criar estratégias mais eficazes de análise dos assassinatos, ver a relação com os homicídios de travestis no geral e pensar em maneiras de observar esses fenômenos em diálogo com a própria produção de conhecimentos do movimento.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G. S. Diversidade de Gênero, Violência e a Importância de uma Compreensão Ampliada do Tema. In: **XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL**. Vitória, 1, 2018. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Vitória, 2018.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 2024. 125p. ISBN: 978-85-906774-9-9. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>.

DE JESUS, J. G.; ALVES, H. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. Revista Cronos, [S. l.], v. 11, n. 2, 2012.

DE JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, v. 2, p. 42, 2012. Disponível em: <https://sertao.ufg.br/n/42117-orientacoes-sobre-identidade-de-genero-conceitos-e-termos>.

NASCIMENTO, L. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaira, 2021.

PASSOS, M. C. A. **Pedagogia das Travestilidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

PEREIRA, Thiago Coacci Rangel. **Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.